

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A “FORMAÇÃO DO CRÍTICO LITERÁRIO” (\*)

Vital Duarte

Nossa presença no IV CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA prende-se a três razões que reputamos importantes, capazes de justificá-la. **Primeira:** ao honroso convite que nos foi generosamente formulado pelo Exmo. Sr. Dr. Tarcísio de Miranda Burity, MD Secretário de Educação e Cultura da Paraíba e pela Exma. Dra. Elizabeth Marinheiro, operosa Coordenadora deste Conclave, para atuarmos como Debatedor do escritor conterrâneo Juarez da Gama Batista. Depois, o desejo de tentarmos conseguir estímulo para os escritores e artistas de poucos recursos, de nossa sofrida área Nordeste, ora em situação de inferioridade, em relação à de outros centros do país, por não possuírem condições para divulgação de suas obras. Finalmente, à imperiosa necessidade de prosseguirmos em defesa de algumas reivindicações de OLINDA-MONUMENTO NACIONAL, inclusive a de sua escolha para sediar o futuro Congresso. De outra forma, nossa participação neste magno Encontro, que já possui foros de internacionalidade, não teria nenhuma significação, por não sermos técnico e nem entendermos de crítica literária.

Por outro lado, se assomamos a esta tribuna, reservada a preeminentes vultos nacionais e estrangeiros, estudiosos do fenômeno literário

---

(\*) Conferência proferida no IV CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA, em Campina Grande — PB, em setembro de 1977.

e interessados na problemática da cultura brasileira, num verdadeiro desafio ao futuro, na qualidade de palestrante de horizontes limitados, é porque fomos colhido de surpresa, pelos nobres organizadores desta gigante Assembléia cultural, para substituir a um ilustre conferencista ausente por motivo superior.

Assim, neste forum de debates de elevado padrão pertinente à "Crítica Aplicada ao Verso e à Prosa e Posicionamentos Críticos", nossa palavra de alegre nordestino será simples, desativada, sem o poder sugestivo do estilo oratório, e carente de vôos e clarão de eloquência. Nela, portanto, só haverá um mérito: o da sinceridade. E é com esta prerrogativa que iniciamos nossa digressão, escolhendo "Considerações sobre a "Formação do Crítico Literário", tema, aliás, defendido pela Academia de Artes e Letras de Pernambuco, por ocasião em que, solicitada, ofereceu valiosos subsídios à elaboração da "CARTA DE PRINCÍPIOS" deste Congresso.

Não esperem os senhores congressistas, um trabalho tão profundo quanto o assunto: apaixonante e fértil em interesse. Tentaremos despertá-los, ousadamente, para o que de há muito vêm defendendo categorizados mestres no Brasil: a formação e o treinamento do crítico literário em Universidades de Letras, adquirindo um lastro firme de conhecimento técnico, podendo "ir mais além do que o simples pragmático de horizontes simples".

A crítica literária constitui disciplina da ciência da literatura, assim entendida hodiernamente, segundo a filosofia aristotélica.

Destina-se à análise e interpretação do fenômeno literário da arte da linguagem, do texto e não do contexto da obra nem do autor, alcançando parâmetros de interpretação para muitos inatingíveis, segundo ajuizada conceituação do escritor Afrânio Coutinho, autor de várias obras editadas pelo MEC e um dos ilustres conferencistas a honrar o IV CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA de Campina Grande.

Esse inconfundível mestre, incontestavelmente, uma das maiores autoridades em crítica literária, sugere com justeza e propriedade, que o importante assunto seja objeto de estudos literários "nas Faculdades de Letras, com empenho e seriedade", devendo, portanto, constituir uma disciplina a merecer as maiores atenções por parte dos educadores universitários.

Num país como o Brasil, integrante geograficamente, de um continente como a América Latina, é inegável o relevante papel que desempenham, historicamente, as Universidades e Faculdades de Letras, na formação das elites nacionais, agora indicadas para a formação do

crítico literário, medida aliás preconizada e já bastante aferida por participantes deste Certame.

Com profundidade e segurança, Afrânio Coutinho afirma que a crítica literária não é compatível com a improvisação, repelindo o amadorismo e a hipertrofia do individualismo da era de Anatole France, devendo ser encarada como exercício, com espírito profissional, por elementos capacitados a nível de padrões universitários em bases concretas.

Exige, portanto, formação, estudo e tirocínio, largo trato dos fenômenos estéticos e literários, tão defendido pelo mestre de nosso vernáculo, José Lourenço de Lima, professor da Universidade Federal de Pernambuco e membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia de Artes e Letras de Pernambuco, cujos conhecimentos só podem ser adquiridos e assimilados nas Universidades e Faculdades, em cursos técnicos de letras.

Atualmente, tendo para uma especialização como disciplina científica e autônoma, incompatível com a imprensa não especializada quase sempre tece elogios rasgados ao autor da obra, não lhe analisando a essência do texto. A crítica já está dirigida para a cátedra, a revista especializada e principalmente, o livro.

A nova crítica é uma crítica estética, inspirada pelo italiano Croce, que deu impulsos à compreensão moderna do fenômeno estético autônomo, enquanto a crítica do final do século XIX era a crítica esteticista.

"A crítica estética procura captar os elementos que propriamente conferem à obra o valor e a linguagem da arte, enriquecendo o diálogo humano pela vibração que o artista informa na sua obra". Ela reflete, sem dúvida, a expressão direta da interioridade humana na sua autenticidade.

A análise e a crítica, são duas operações distintas, como acentua o crítico Eduardo Portela. "A análise é a preparação para a crítica e esta envolve a análise por dirigir-se para o julgamento, tudo levado à interpretação que é outra das tarefas da crítica".

A crítica, portanto, é uma função reflexiva e não gênero literário, acentua Afrânio Coutinho, com o que não concorda o escritor Juarez da Gama a vê-la substituída pela "análise".

A propósito, mencionamos alguns dos pilares do espírito humano de atividade reflexiva da natureza crítica: os "Diálogos", de Platão; os "Ensaio", de Montaigne e Bacon; os "Pensamentos", de Pascal e a "Poética", de Aristóteles, entre outros. Voltaire elevou-se na atividade reflexiva e crítica, desprezando a imaginativa.

A palavra "ensaio", é sinônimo de "estudo", em nossa termi-

nologia literária; cuja origem de derivação semântica, é francesa. Já Montaigne imprimiu o "ensaio" como pequena "digressão".

Sabemos que o Brasil é pouco propenso aos debates teóricos no terreno da literatura, resultante, talvez, da escassez de técnicos na formação de uma mentalidade apta para revisão e precisão do vocabulário da crítica literária, em todos os seus aspectos e sob os mais variados ângulos.

Como pioneira de renovação dos estudos literários, de conformidade com as novas técnicas da ciência literária, Afrânio Coutinho menciona, no Brasil, a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, um bom início para tornar-se a crítica "uma ciência da literatura, com recursos e métodos próprios de abordagem do fenômeno literário, visando a tríplice finalidade de analisá-lo, interpretá-lo e julgá-lo, evitando-se o "mero comentarismo jornalístico de cunho objetivo". como soe acontecer.

A crítica é, portanto, a análise e o julgamento da obra, no verdadeiro sentido instituído pelo seu fundador, Aristóteles, o que aliás não é compreendido nem seguido pelo amorosismo que não possui formação adequada e técnica para tal mister.

Numa Universidade, os candidatos à profissão de crítico literário, irão assimilar o aprendizado "ao exame da obra, na sua intimidade estético-literária, nos seus elementos estruturais e intrínsecos".

O grande mal da literatura brasileira, ou mais precisamente da crítica, consiste exatamente ser feita por pessoas "sem o saber dos livros e menos ainda o da vida". Urge, portanto, encontrar-se um denominador comum para corrigir-se tal anomalia.

"A literatura é arte literária, alude José Veríssimo, embora não seja, como afirmam alguns escritores, um crítico literário, nem um historiador da literatura, como o foi Sylvio Romero que em sua monumental obra, incluiu todo acervo de nossa cultura; da cultura brasileira.

A ausência, portanto, de base universitária na formação do crítico literário, conduz a divinização das faculdades institivas e improvisadoras, contra cuja falha devem os poderes educacionais brasileiros, sobretudo o Ministério da Educação e Cultura, desenvolver o maior empenho, numa válida tentativa de salvar em tempo útil, a operação afeidora e valorativa dos postulados aristotélicos, contrários ao platonismo, em prol da autonomia da literatura nacional.

Afrânio Coutinho, autor "Da Crítica e da Nova Crítica", que é um livro, marco de novas diretrizes exegéticas para melhor apreensão e avaliação do "fenômeno literário", assegura que havendo uma ciência a que incumbe disciplinar e policiar o uso dos vocábulos, a

semântica, hoje extraordinariamente desenvolvida, inclusive com direções e especializações nova ao rumo da semiótica ou semastologia, ciências do sentido das palavras, razão pela qual seria interessante desenvolvermos sua ação em nosso idioma, particularmente no setor de atividades que nos interessa a crítica literária. E essa indispensável tarefa cabe, exatamente, às Universidade de Letras.

Afirmava em 1954, esse categorizado técnico: "É a operação que se impõe, se não quisermos continuar a laborar nesse caso terminológico, sem saber o sentido preciso de termos os mais comezinhos em crítica como a definição dos próprios gêneros literários".

Joel Pontes, jornalista e professor da UFPE, reconhece que a crítica necessita ser "aprendida" e indica uma revolução metodológica, fazendo sentir a imperiosa necessidade do aprendizado do ofício, sob pena de se perder no plano do objetivismo caracterizante de tal atitude.

E torna-se mister que haja sensibilidade à idéia aqui enfatizada e tão brilhantemente defendida, também, pelo crítico Eduardo Portela, um dos homens de cultura que honra a galeria da atual geração da literatura brasileira.

Esperamos, com tais explanações, haver concorrido para a adesão dos congressistas para a adoção de medida fundamental para a formação do crítico literário e estaremos contribuindo para assegurar ao gigante Brasil, em futuro que se anuncia cada vez mais próximo, a posição que realmente merece e que, agora, já podemos dizer, que começa a desfrutar, líder incontestado do continente sulamericano.

Seria de bom alvitre, portanto, que o IV CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA, examinasse o problema e deliberasse recomendar ao Ministério da Educação e Cultura que todas as Universidades e Faculdades de Letras do País, criem uma disciplina dessa importante especialidade, sob pena de não passarmos do estágio da improvisação que não constrói e nem desenvolve a cultura nacional.

## BIBLIOGRAFIA

- COUTINHO, Afrânio — “Por uma crítica Estética” — Rio 1953.
- PONTES, Joel — “O Aprendiz da Crítica” — Recife — PE.
- LIMA, José Lourenço de — Artigos publicados no Jornal do Comércio do Recife — 1977.
- PORTELA, Eduardo — “Literatura Brasileira — Origem e Controvérsia” — 1977. C. Grande — IV CBCL.
- COUTINHO, Afrânio — “Da Crítica e da Nova Crítica” — MEC — 1975.
- NAMORA, Fernando (portugal) — “Literatura, Comunicação e Sociedade \* Conferência proferida no IV Congresso Brasileiro de Crítica Literária — C. Grande — PB 1977.

(\*) Conferência proferida no IV CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA, em Campina Grande — PB, em setembro de 1977.